

O MEDO COMO INSTRUMENTO POLÍTICO NO NEOLIBERALISMO DIGITAL

Marjorie Bier Krinski Corrêa¹

Susan Chaiana Egevarth²

Ivann Carlos Lago³

Palabras clave: Contrato Social. Manipulação Afetiva. Pós-Verdade. Alienação Política. Dominação Discursiva.

INTRODUCCIÓN

A democracia, historicamente concebida como regime da pluralidade e da participação, enfrenta hoje um paradoxo: diante da ascensão de narrativas autoritárias, do esvaziamento do espaço público e da manipulação discursiva intensificada pelas tecnologias digitais, o medo deixa de ser apenas um afeto difuso para tornar-se operador estrutural da vida política. Nas democracias neoliberais, ele é instrumentalizado como mecanismo de controle, associado à desinformação e à proliferação de fake news, que corroem o debate público, fragilizam instituições e restringem a convivência democrática.

Partindo da noção hobbesiana do medo como fundamento do pacto social, busca-se compreender como esse afeto foi deslocado, no neoliberalismo digital, para novas formas de sujeição. Se antes legitimava a autoridade soberana, hoje atua como vetor de retração subjetiva e atomização política, produzindo sujeitos ansiosos e desconfiados das próprias instituições. Metodologicamente, a pesquisa adota abordagem teórico-conceitual, qualitativa, apoiada em autores como Hobbes, Foucault, Eco, Chauí, Mounk, Souza, Han, Zuboff e Dardot & Laval, para problematizar o medo como tecnologia de poder que desestrutura a esfera pública, desmobiliza a cidadania e ameaça a vitalidade democrática.

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul, marjorie.bier@estudante.uffs.edu.br v

² Universidade Federal da Fronteira Sul.

³ Universidade Federal da Fronteira Sul, ivann@uffs.edu.br

DESARROLLO

A leitura de Hobbes (1983) revela a centralidade do medo na política moderna: em *Leviatã*, o temor da morte funda o pacto social, ao mesmo tempo que garante proteção e legitima a sujeição. Essa ambivalência inaugura a gramática política moderna, que se atualiza na governamentalidade descrita por Foucault (2008), onde o medo opera como gestão de riscos e vigilância naturalizada. No neoliberalismo, como apontam Dardot e Laval (2016), ele se desloca para a inadequação interna, instaurando um regime de autocontrole que dissolve solidariedades e fragiliza vínculos sociais.

Han (2017) mostra que o sujeito de desempenho internaliza essa coação como insuficiência permanente, enquanto Bourdieu (1998) evidencia como a violência simbólica naturaliza desigualdades. Zuboff (2020) acrescenta que as tecnologias digitais transformam dados em insumo econômico, criando uma economia do medo. Nesse contexto, como alertam Arendt (2013), Chomsky (2003), Eco (2018), Mounk (2019) e Souza (2017), a mentira sistemática, a fabricação do consenso, a simplificação do inimigo e a pedagogia da despolitização corroem a democracia, convertendo o medo em dispositivo de fragmentação social e esvaziamento da ação política.

RESULTADOS, AVANCES Y REFLEXIONES

O medo, longe de ser um resquício pré-moderno, constitui categoria central das mutações contemporâneas do poder. Na tradição hobbesiana, aparece como fundamento da ordem e da coesão social; no neoliberalismo tardio, reconfigura-se em ansiedade difusa e internalizada, tornando-se operador invisível de sujeição. Deixa de legitimar um soberano protetor e passa a legitimar a lógica de mercado, naturalizando a precariedade, dissolvendo vínculos coletivos e reorganizando a experiência subjetiva da política. Nesse deslocamento, revela-se simultaneamente como afeto — que atravessa as subjetividades e paralisa o conflito democrático — e como tecnologia — capturada por dispositivos digitais que exploram sua potência mobilizadora na economia da atenção. Assim, a proliferação das fake news e a lógica da pós-verdade não se reduzem a desvios informacionais, mas se configuram como engrenagens de uma economia política do medo, em que a verossimilhança substitui a verdade e o debate público é recoberto por narrativas emocionais de caráter autoritário.

Os efeitos dessa racionalidade recaem sobre a esfera pública e a cidadania. A mentira sistemática, como observa Arendt (2013), dissolve o mundo comum; a filtragem estrutural da informação, segundo Chomsky (2003), fabrica consensos; e a simplificação do inimigo, conforme Eco (2018), alimenta a polarização. Em diálogo com Mounk (2019), nota-se que tal lógica corrói lentamente as democracias liberais, enfraquecendo-as sem rupturas formais. No Brasil, como aponta Souza (2017), o medo assume caráter pedagógico, deslocando responsabilidades, reforçando a inferiorização simbólica e legitimando a despolitização. Assim, deve ser entendido não como anomalia, mas como racionalidade de governo no neoliberalismo digital — uma gramática afetiva que transforma liberdade em autocontrole, cidadania em consumo e participação em engajamento superficial.

CONSIDERACIONES FINALES Y PROYECCIONES

As reflexões apresentadas evidenciam que o medo, historicamente moldado como linguagem de poder, converteu-se em dispositivo central de despolitização, fragmentação da esfera pública e neutralização da cidadania. Ao ser naturalizado pela racionalidade neoliberal e amplificado pelas tecnologias de manipulação informacional, o medo deixa de apenas paralisar o agir para corroer as condições mesmas da experiência democrática. Nesse cenário, a democracia é esvaziada de seu ethos de conflito e participação, substituída por apatia, cinismo e desempenho individualizado. Superar esse quadro exige reconhecer o medo como categoria política, descolonizá-lo e reconstruir práticas que devolvam densidade à vida pública, restituindo a confiança, a escuta e a imaginação coletiva.

A reconstrução democrática demanda mais do que ajustes institucionais ou reformas administrativas: requer a reinvenção do espaço público como lugar de confiança recíproca, divergência produtiva e vínculo entre palavra e ação. Isso implica alfabetização política em tempos de manipulação algorítmica, fortalecimento de processos educativos críticos, e valorização de experiências de solidariedade e organização coletiva que resistam à lógica da submissão afetiva. Descolonizar o medo não é negá-lo, mas romper os pactos que o converteram em norma, devolvendo à política sua potência criativa e

inacabada. Uma democracia viva só se sustenta como travessia coletiva, feita de cuidado, coragem e reinvenção permanente do comum.

REFERENCIAS

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. 3. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHOMSKY, Noam. *Mídia: propaganda política e manipulação*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward S. *Manufacturing consent: the political economy of the mass media*. New York: Pantheon Books, 1992.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

ECO, Umberto. *Cinco escritos morais*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. São Paulo: Record, 2018.

ECO, Umberto. *Construir o inimigo e outros escritos ocasionais*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Petrópolis: Vozes, 2021.

HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)

HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Tradução: João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução de Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1997.

MOUNK, Yascha. *O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la*. Tradução: Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Tradução: George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.